

Dezoito milhões de brasileiros em risco

Estudo lista trabalhadores que estão mais expostos à infecção por coronavírus

João Paulo Saroni e Pedro Capetti
sodedade@oglobo.com.br

► O novo coronavírus representa uma ameaça para 18 milhões de trabalhadores brasileiros, mais suscetíveis a contrair a doença por conta das características de sua ocupação. Levantamento do EXTRA com base em estudos de pesquisadores da LABORE e da Coppe/UFRJ indica que o risco do contágio extrapola o setor de saúde, impactando indústria, comércio e serviços. O número dá a dimensão do desafio que é proteger não apenas aqueles em atividades es-

senciais, mas também da necessidade de planejar uma possível retomada gradual da economia, quando a curva de disseminação do vírus estiver controlada.

RAIS E O*NET

Os dados consideram a proximidade física exigida pelas tarefas de cada profissão e o nível de exposição a doenças e infecções que cada ocupação implica, com base em dados do Ministério da Economia (Rais) e da O*NET, base internacional de ocupações. Um indicador, que varia de zero a cem, mede o ris-

co. Quem está acima de 60 apresenta possibilidade significativa de contágio. Ao todo, cerca de 40% dos trabalhadores formais do país estão neste grupo.

Além das equipes atuando nos hospitais, também estão em risco considerável — acima de 60 pontos — outros trabalhadores de serviços essenciais, como motoristas de ônibus, cozinheiros, vendedores, comissários de bordo, coveiros e agentes funerários. Para especialistas, os números evidenciam o desafio de flexibilizar as políticas de isolamento social em meio à ascensão da disseminação da doença e reforçam a necessidade de testagem em massa para reativar setores gradualmente.

— Há ocupações com as quais interagimos diretamente e com alto risco. Serve de alerta. Só considerando os setores como essenciais, já é um desafio mantê-los funcionando com segurança — explica Yuri Lima, pesquisador do LABORE e do Laboratório do Futuro, da Coppe.

Para Alberto Balazeiro, procurador-geral do Trabalho, a flexibilização do isolamento social pode não significar a retomada das atividades econômicas, porque colocará em xeque o trabalhador desprotegido:

— Esse é o nosso maior desafio, garantir a saúde e a segurança na retomada, e hoje garantir a de quem está trabalhando.



Funcionários de cemitério, uma das profissões mais expostas

‘Não podemos desertar’

► Esse desafio de buscar segurança sem interromper setores imprescindíveis na pandemia é o que tem guiado as instruções transmitidas a agentes penitenciários por Gutemberg de Oliveira, presidente do Sindicato dos Inspetores Penitenciários do Estado do Rio de Janeiro. O risco para estes profissionais, segundo o levantamento, é de 83,7 pontos.

— Procuro tranquilizar a todos e mostrar que estamos em

uma guerra (contra o vírus), não podemos desertar. Nós, agentes, estamos normalmente expostos a doenças como sarampo, meningite e tuberculose. Somos servidores públicos, precisamos do emprego e não podemos fugir da responsabilidade durante a pandemia — afirma Oliveira, que tem buscado junto ao governo garantias de segurança para a classe com o fornecimento de álcool gel, luvas e máscaras.

Falta de itens de proteção preocupa

► A distribuição de equipamentos de proteção individual (EPIs) é vista como chave para o planejamento de uma possível retomada do trabalho. No setor de comércio e serviços, a recomendação hoje é que trabalhadores utilizem as chamadas barreiras físicas, como máscaras de pano ou TNT.

A necessidade de EPIs, hoje escassos no mercado, tem sido a grande preocupação não só dos profissionais que se encontram fora do isolamento social, mas também dos que estão em casa. Entre os mais de 2,6 milhões de professores, cujo risco de contágio chega a 81,7 pontos, muitos não conseguem imaginar a volta às aulas sem que haja a mínima segurança.

— Lido com mais de 500 pessoas por dia, tenho clareza que em uma semana de aula vou pegar a doença se não tiver o mínimo de proteção do ambiente escolar. Será necessário organizar a sala e dar o mínimo de proteção. Não dá pra imaginar um retorno como era antes — alerta o professor de Artes Rodrigo Torres, de 27 anos. ▸